

## **Para a História do Socialismo**

Documentos

[www.hist-socialismo.net](http://www.hist-socialismo.net)

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 1.7.2017

(original em <http://www.stalinwerke.de/Diverses/stalinsbeitraege.html>)

---

# **Contribuições de Stáline**

## **para a Ciência Militar e Política Soviética (XIV)**

**Ulrich Huar**

### **Capítulo V**

#### **«Teoria da capitulação parcial»**

Refira-se uma vez mais que, na Conferência de Ialta, as três potências da aliança anti-hitleriana tinham tomado a decisão de exigir aos detentores do poder fascista e ao seu aparelho militar, o Alto Comando da *Wehrmacht*, a «*capitulação incondicional*» em todas as frentes perante as três potências, sem exceção. O comunicado da Conferência, assim como o relatório das reuniões de trabalho foram assinados por Roosevelt, Churchill e Stáline. Na Conferência também foram fixadas as fronteiras das zonas de ocupação. Na sequência de operações militares, estas fronteiras poderiam ser ultrapassadas com o consentimento dos comandantes dos respectivos exércitos aliados.

Mas enquanto o novo presidente americano, Harry S. Truman e o general Eisenhower, pelo menos formalmente, cumpriam o acordo, Churchill procurou esquivar-se por todos os meios. Retrospectivamente, declarou: «*Nesse momento existia uma proposta do general Eisenhower de que os exércitos aliados operassem sem ter em consideração as linhas de demarcação; mas onde os exércitos de Leste e Oeste entrassem em contacto, cada lado podia exigir a retirada do outro exército da sua zona de fronteira. A autorização para apresentar tais solicitações ou ordenar tais retiradas era concedida pelos comandantes. Caso essas solicitações não correspondessem a uma necessidade operativa, devia ordenar-se a retirada. A mim esta proposta pareceu-me precipitada e excedendo as necessidades militares imediatas. Por isso tratei do assunto e dirigi-me, a 18 de Abril, ao novo presidente, que, naturalmente, ainda só há pouco tempo e indirectamente conhecia todas as complicações com que tínhamos de nos debater e em larga medida tinha de se apoiar nos seus conselheiros. Assim, o ponto de vista puramente militar afirmou-se desmedidamente.*

(...) *Não tenho, de forma nenhuma, a intenção de tocar nas zonas de ocupação combinadas; porém não desejo que um qualquer arrogante comandante de secção russo obrigue à retirada precipitada, de algum local, das tropas aliadas americanas e nossas. Tem de se encontrar um acordo entre governos contra tais incidentes, para que se assegure espaço de manobra a Eisenhower para resolver, à sua admirável maneira, tais incidentes imediatamente.»*<sup>1</sup>

Segundo Churchill, naturalmente só do lado soviético existiam «comandantes arrogantes»! Decisões sobre estas questões só podiam ser tomadas pelos comandantes das frentes e pelo Quartel-General e não por um «comandante de secção», o que era do conhecimento de Churchill. Contactos, encontros com as tropas soviéticas realizaram-se com a 1ª e 2ª frentes bielorrussas e da 1ª frente ucraniana, com os seus comandantes, os marechais Rokossóvski, Júkov e Kóniev. Eles estavam em permanente contacto telefónico directo com Stáline. Nenhum «comandante de secção», ou lá o que fosse, «arrogante» ou não, podia, do lado soviético, dar ordens aos generais britânicos ou americanos para retirar para além das linhas de demarcação. Deve pois reconhecer-se a Churchill um domínio magistral da fina calúnia anti-soviética.

Truman, para grande pena de Churchill, mostrou-se «pouco prestável». «De acordo com a sua proposta, as tropas das potências ocidentais deviam retirar-se para as zonas acordadas, na Alemanha e na Áustria, assim que a situação militar o permitisse.»<sup>2</sup>

Também as zonas acordadas tinham sido «decididas de forma muito precipitada». Para sua grande pena, elas também não podiam «ser alteradas sem o consentimento dos russos». Por isso deviam «no exacto momento em que a vitória seja proclamada, pressionar que fosse criada a comissão de controlo em Berlim»<sup>3</sup>

Churchill queria, portanto, chegar rapidamente à zona de ocupação soviética em Berlim. Ele não se ficava só pelas palavras, fazia tudo para se esquivar aos compromissos que tinha assumido com a sua assinatura. Inicialmente, a «teoria» da capitulação parcial servia-lhe. Não me foi possível identificar quem inventou esta «teoria», se foram os generais fascistas, o comandante das tropas aliadas no Noroeste da Alemanha, marechal de campo Bernard Law Montgomery (Visconde de Alamein, desde 1945) ou o próprio Churchill.

Como já foi referido, o coronel-general Guderian queria negociar um armistício ou então um «acordo silencioso» com o Ocidente, o que «nos permitiria defender o Leste, com o resto das nossas forças, renunciando ao Oeste em favor das potências ocidentais».<sup>4</sup>

O grande-almirante Dönitz, sucessor de Hitler, o novo comandante supremo e chefe de Estado do Reich, com sede em Plön,<sup>5</sup> a partir de 2 ou 3 de Maio, no enclave Flensburg-Mürvik, ainda não ocupado pelas tropas aliadas, foi até mais claro. Logo a 30 de Abril, Dönitz tinha tomado as suas «primeiras medidas. Como tinha de continuar a combater para Leste, para salvar o maior número possível dos nossos soldados na frente Leste e os refugiados nas zonas ocidentais anglo-americanas, não

---

<sup>1</sup> Churchill, *ibidem*, p. 1069.

<sup>2</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 1070.

<sup>3</sup> *Idem*, *ibidem*.

<sup>4</sup> Guderian, *ibidem*, p. 365.

<sup>5</sup> Plön é uma cidade da Alemanha localizada no distrito de Plön, estado de Schleswig-Holstein. [NT]

me era possível aceitar a capitulação incondicional exigida pelos Aliados desde Fevereiro de 1943. Por isso, queria, a Oeste, – perante as tropas anglo-americanas – alcançar o mais rapidamente possível uma capitulação parcial. Isto colocava-se, em primeiro lugar, para o exército alemão a Noroeste, perante o marechal de campo inglês Montgomery. <sup>6</sup>

A 1 de Maio, às 01.22 horas, Dönitz enviou um assinalável radiograma a Hitler, nesta altura já morto. «*FRR Quartel-General do Führer: Meu Führer, a minha lealdade será absoluta. Farei tudo para libertar Berlim. Se o destino, porém, me obrigar a chefiar o Reich enquanto seu sucessor por si determinado, dirigirei esta guerra até ao fim como o exige a extraordinária luta heróica do povo alemão. Grande Almirante Dönitz.*»<sup>7</sup>

Dönitz serve-se do arsenal de mentiras e difamações anti-soviéticas de Goebbels para justificar as suas acções durante o tempo do seu governo em Flensburg. Repetidamente afirmou que se tratava de salvar os alemães da «*arbitrariedade russa*». Deixou-se aqui em aberto se Dönitz acreditava nas terríficas lendas anti-soviéticas do *Völkischen Beobachter*<sup>8</sup> e outros produtos dos *media* de Goebbels e era ele próprio vítima da ideologia e doutrinação fascista. Mas, pelo menos, a partir de 8 de Maio, tinha de estar mais bem informado. Nas notas, supostamente escritas pelo seu ajudante, capitão de corveta, Lüdde-Neurath, sobre a evolução da situação militar na Alemanha fascista, entre 20 de Abril e início de Maio de 1945, lê-se: «*A actuação dos russos perante a população civil a Leste do Elba é aparentemente comedida e reservada. Presumivelmente este comportamento baseia-se numa táctica mais profunda. Os russos terão grande facilidade em conseguir condições de vida suportáveis na parte da Alemanha por si ocupada, com base no despovoamento e no assegurar das bases da alimentação. A Oeste do Reich, uma região desde sempre dependente de subsídios, a fome e o caos são uma ameaça devido à sobrepopulação. Tornar-se-á a região mais fértil para o comunismo. Fazer gala e jogar com estas contradições só pode ser vantajoso para Stáline.*»<sup>9</sup> Por conseguinte, os alemães a Leste do Elba não foram deportados para a Sibéria, como Dönitz pensava. Além disso, as afirmações de Lüdde-Neurath não são rigorosas. As regiões orientais alemãs estavam destruídas pela guerra e os campos em grande parte minados. O governo soviético teve de fornecer milhares de toneladas de alimentos nas suas zonas de ocupação para impedir epidemias de fome, apesar de a sua própria população estar faminta. O governo soviético forneceu como primeira ajuda a Berlim, 96 mil toneladas de cereais, 60 mil toneladas de batata, cerca de 50 mil cabeças de gado, assim como açúcar, gordura e outros alimentos.<sup>10</sup>

A ameaça de caos a Oeste, em parte concretizada, deveu-se às potências de ocupação ocidentais. A União Soviética tinha-se preparado desde o início para administrar

---

<sup>6</sup> Karl Dönitz, *Zehn Jahre und zwanzig Tage. Erinnerungen 1935 - 1945* (Dez anos e vinte dias. Memórias 1935-1945), 9ª ed., Kobenz, 1985, p. 436.

<sup>7</sup> KTB/OKW (Diário de Guerra/Alto Comando da Wehrmacht), *ibidem*, p. 1468.

<sup>8</sup> Jornal do NSDAP. [NT]

<sup>9</sup> Förster/Lakowski, *1945...*, p. 316. No KTB/OKW a patente referida de Lüdde-Neurath é capitão-tenente.

<sup>10</sup> Júkov, *ibidem*, p. 329.

a sua zona de ocupação. Refira-se aqui, como um exemplo de muitos, o coronel-general Bersarin, primeiro comandante da cidade de Berlim, que pôs a vida económica e cultural de novo a funcionar na capital.

A primeira edição das memórias de Dönitz apareceu em 1958! No entanto, logo depois da guerra continuou com as suas difamações anti-soviéticas. Apenas se distanciou das bestialidades e assassinios em massa fascistas, dos quais, como afirmou, só teve conhecimento depois da guerra. Pode ser que não soubesse de nada. Das bárbaras acções de aniquilamento do ocupante fascista alemão, do seu terror contra a população da União Soviética, da deportação de cidadãos soviéticos como trabalhadores forçados para a Alemanha, da famigerada ordem dos comissários e outras instruções idênticas de Hitler, enquanto seu comandante-em-chefe da *Wehrmacht*, como sobre o tratamento a dar aos soldados soviéticos prisioneiros, que morreram aos milhares nos campos de prisioneiros, a ordem para execução da tática de terra queimada na retirada das tropas alemãs, de tudo isto não teve conhecimento o comandante-em-chefe da marinha de guerra?

Dönitz só estava interessado numa capitulação parcial perante as tropas anglo-americanas, sendo o seu «*interlocutor*» para acordos concretos no Noroeste da Alemanha, Holanda, Dinamarca e Noruega, o marechal de campo Montgomery. As tropas alemãs deveriam ser retiradas de todas as frentes, no Sul, na Itália e na Croácia; na Checoslováquia, na Curlândia e na Prússia Oriental, para Ocidente atrás das linhas do exército anglo-americano. Segundo Dönitz, eram necessários cerca de oito a dez dias para esta operação: «*Tinha, portanto, de tentar adiar a capitulação perante a União Soviética durante esse espaço de tempo*». Se a capitulação parcial teria êxito perante a exigência de «*capitulação incondicional*», não o sabia. Pelo menos «*a tentativa tinha de ser feita e de forma nenhuma publicamente, porque então seguramente seria impedida pela actuação dos russos*». Queria, claro, «*alcançar acordos de capitulação a Ocidente*.»<sup>11</sup>

Dönitz enviou, a 3 de Maio, o seu representante o general-almirante von Friedeburg ao Quartel-General de Montgomery para negociar a capitulação parcial. Montgomery não recusou e, por conseguinte, também não exigiu a capitulação incondicional em todas as frentes, incluindo a russa.

A 5 de Maio, o ajudante de Montgomery chegou a Flensburg. Dönitz informou-o de que «*nós só temos o objectivo de salvar os nossos alemães da aniquilação russa. São cerca de oito milhões de alemães que queremos salvar do aniquilamento por deportação para a Sibéria*».<sup>12</sup>

Dönitz podia estar satisfeito: «*Foi o primeiro passo para conseguir uma capitulação parcial a Ocidente, sem para isso ter de se ceder na entrega de soldados alemães e parte da população em mãos russas*.»<sup>13</sup>

Sobre isto uma questão: Poderia Montgomery, enquanto comandante de uma frente a Noroeste, negociar uma tal capitulação parcial em forma de acordo, sem conhecimento de Churchill? Uma capitulação não é só um acto militar, mas também político. É improvável que uma capitulação parcial, com imensas consequências políticas, nomeadamente ao arrepio dos acordos assinados entre os aliados em Ialta,

---

<sup>11</sup> Dönitz, *ibidem*, p. 443 e seg.

<sup>12</sup> KTB/OKW, *ibidem*, p. 1076.

<sup>13</sup> Dönitz, *ibidem*, p. 452.

pudesse ser negociada autonomamente por um comandante de frente sem consultar o comandante-em-chefe Churchill.

Isto ainda é reforçado por instrução dada por Churchill a Montgomery. Exige-lhe que, ao prender soldados alemães, «*reúna e armazene cuidadosamente as armas alemãs para facilitar a sua devolução aos soldados alemães, caso tenhamos que nos aliar em caso da continuação do avanço soviético.*»<sup>14</sup>

A insinuação da possibilidade da «*continuação do avanço*» do exército soviético era uma aberração com origem no anti-sovietismo paranóico de Churchill. Os exércitos soviéticos não avançariam para além das linhas de demarcação acordadas, o que era do conhecimento de Churchill. Mas para ele já eram muito amplas.

Estas intrigas não passaram ao lado do Quartel-General soviético. Numa conversa com Júkov, em Maio, Stáline afirmou: «*Enquanto nós desarmámos todos os soldados e oficiais da Wehrmacht e os transportámos para campos de prisioneiros de guerra, os ingleses mantêm-nos em completa prontidão e começam a colaborar com eles. Até agora, os estados-maiores e os seus antigos comandantes gozam de completa liberdade e, seguindo instruções de Montgomery, reúnem as suas armas. Penso que os ingleses querem utilizar de novo as tropas alemãs, (...) isso é uma violação directa dos acordos entre os chefes de governo sobre a dissolução imediata da Wehrmacht fascista.*»<sup>15</sup>

Para antecipar: depois do discurso Churchill em Fulton, segundo um memorando de Júkov aos representantes dos EUA, Grã-Bretanha e França, no Conselho de Controle, em 1946 ainda se encontravam tropas e serviços militares do exército, da marinha e da aviação alemães nas zonas de ocupação britânica. Segundo este memorando, as unidades do exército Norte, unidades terrestres e aéreas e unidades de defesa aéreas eram constituídas por dois corpos cada um com cerca de cem mil homens. Os britânicos tinham constituído, a partir da marinha de guerra um «*Serviço de Detecção de Minas Alemão*», que possuía divisões de segurança, um estado-maior e flotilhas. Perante a pressão dos factos, Montgomery teve de admitir que na zona de ocupação britânica existiam «*tropas alemãs organizadas*».<sup>16</sup>

As especulações de Dönitz sobre a possibilidade de uma capitulação parcial perante os aliados ocidentais, continuando a guerra contra a União Soviética, tiveram acolhimento junto de Churchill e Montgomery. Nestas combinações entre Dönitz e Montgomery, assim como entre generais alemães com os seus «*parceiros*» do lado ocidental (nem todos!), tratava-se de trazer para o lado ocidental cerca de dois a três milhões e meio de soldados e oficiais alemães que ainda se encontravam na frente germano-soviética, na Croácia, na Checoslováquia, na Prússia Oriental e na Curlândia, mantê-los como reserva contra a URSS. Um rearmamento destas tropas sob comando britânico ou americano representava um perigo para a União Soviética.

---

<sup>14</sup> *Daily Herald*, London, 24. November 1954. «...to be careful in collecting the German arms, to stack them so that they could easily be issued again to the German soldiers whom we should have to work with if the Soviet advance continued.» Citado segundo W.P. Morosov: *Brüderliche Hilfe für die Völker der Tschechoslowakei*. (Ajuda solidária aos povos da Checoslováquia) In: Gretschno: *Die Befreiungsmission der Sowjetstreitkräfte* (A missão libertadora das forças soviéticas), p. 385.

<sup>15</sup> Júkov, *ibidem*, p. 356.

<sup>16</sup> *Idem*, *ibidem*, pp. 381-383.

Estas capitulações parciais concretizaram-se várias vezes. «Assim, a unidade do exército Vístula estava, a 2 de Maio, cercada numa faixa entre 20 a 30 quilómetros de largura, entre a linha Wittenberge-Parchim-Bützow-Doberam, pela 2ª frente bielorrussa a Leste e uma unidade americana na linha Ludwigslust-Schwerin-Wismar. No próprio dia e antes de as negociações sobre um armistício se iniciarem, os comandantes da 21ª e 3ª unidades de blindados conseguiram, através de um contacto telefónico com os americanos, que os seus soldados em combate na frente contra os russos pudessem, depondo as armas, franquear a frente americana. Ambas as unidades foram poupadas à capitulação incondicional no campo de batalha, o que as teria conduzido inevitavelmente ao cativeiro russo. Desapareceram no último momento atrás das linhas americanas.»<sup>17</sup>

A 2 de Maio capitulou a unidade do exército a Sudoeste (General Vietinghoff) perante os aliados ocidentais. Dönitz regozijava-se com cada área «em que entram os americanos e não os russos».<sup>18</sup>

A 4 de Maio suspenderam-se os combates a Noroeste entre as tropas de Montgomery e as unidades que restavam do exército, da marinha e da força aérea de Dönitz, mas este continuava a guerra contra a URSS, sem ser incomodado pelos aliados ocidentais. Segundo o almirante soviético, N.G. Kuznetsov, a marinha de guerra alemã pôde, até 8 de Maio, transportar por mar dois milhões de soldados e oficiais da Curlândia e da Prússia Oriental até à zona de ocupação britânica. Dönitz tinha ordenado, via rádio, o fim dos combates da marinha de guerra contra os britânicos e americanos. Nessa comunicação não nomeou a frota soviética. Com isso era para os comandantes alemães claro que a guerra contra a União Soviética continuava.<sup>19</sup>

No diário de guerra do Alto Comando da *Wehrmacht* do dia 5 de Maio, afirma-se: «Segundo o acordo com o comandante-em-chefe do 21.º exército britânico, Marechal de campo Montgomery, desde hoje às 8 horas da manhã existe um cessar-fogo na Holanda, Noroeste da Alemanha, desde a foz do Ems até à Kieler Förde, assim como na Dinamarca (incluindo as ilhas). Em consequência, as operações da marinha de guerra e marinha mercante contra a Inglaterra e os portos dessas regiões também cessam. O cessar-fogo foi negociado por ordem do grande almirante Dönitz, já que a guerra contra o Ocidente perdera o sentido (...) Mas a resistência contra os soviéticos continua (...) Todas as unidades da *Wehrmacht* não abrangidas pelo cessar-fogo continuam o combate contra o agressor.»<sup>20</sup>

Com esta ordem, Dönitz colocava-se ao mesmo nível de Churchill. Ambos criticavam a posição de Eisenhower, que cumpria os acordos com o governo soviético. Dönitz assinalava em relação à posição de Eisenhower: «As últimas medidas operativas de Eisenhower mostram que ele não levou em conta a mudança política mundial que agora ocorreu (...) Em vez deste objectivo militar, deveria ter tido lugar o

---

<sup>17</sup> Tippelskirch, *ibidem*, p. 76. Dönitz, *ibidem*, p. 457.

<sup>18</sup> Dönitz, *ibidem*, p. 450.

<sup>19</sup> 4) N.G. Kuznetsov: *Auf Siegeskurs (A caminho da vitória)*. Moscovo, 1975/Berlim, 1979, p. 201. Dönitz informa que entre 23 de Janeiro até 8 de Maio «salvou para o ocidente» 2 204 477 pessoas destas regiões. Segundo Kuznetsov, entre 2 e 8 de Maio. Este último deve ser um erro. Segundo o KTB/OKW, foram cerca de 1,5 milhões de Janeiro a 9 de Maio. Os números são pouco rigorosos. Informações exactas não eram possíveis na fase final da guerra.

<sup>20</sup> KTB/OKW, *ibidem*, p. 1278.

*objectivo político de ocupar a maior extensão de território alemão possível para o Ocidente anglo-americano perante a invasão do aliado russo (...) Pelos vistos não percebe que, neste momento, a situação mundial se adiou por muito tempo. A posição americana pareceu-me, na época e ainda hoje (1958, UH), errada.»<sup>21</sup> Do ponto de vista de um imperialista fascista, estas afirmações não carecem de lógica.*

A 7 de Maio, Dönitz ordenou que todos os navios alemães nos portos e bases no Mar Báltico, ameaçados por tropas soviéticas, partissem em direcção a Ocidente até à meia-noite de 9 de Maio. Mesmo depois da assinatura da capitulação incondicional, contratorpedeiros da marinha de guerra abriram fogo contra aviões soviéticos, que exigiam o regresso dos navios aos portos a leste.<sup>22</sup>

As intenções desta «*capitulação parcial*» a Ocidente, continuando a guerra contra as forças armadas soviéticas, para manter uma grande parte das forças armadas alemãs – ainda que inicialmente em cativeiro ocidental –, não passaram despercebidas ao governo soviético. Chtemenko escreveu que «*o entendimento do conceito de capitulação pelos nossos aliados veio mesmo a calhar para os generais fascistas.*» «*Na verdade, os aliados exigiam oficialmente a capitulação incondicional da Alemanha perante todas as nações aliadas, porém afastavam-se substancialmente deste princípio ao autorizar os seus comandantes a aceitar a capitulação de unidades adversárias no campo de batalha, um procedimento muito utilizado até ao cessar-fogo em todas as frentes. O adversário percebeu muito bem a saída que esta “excepção” oferecia. Uma capitulação no “campo de batalha” era o convite aos aliados ocidentais para ocupar a Alemanha. Abriu um amplo caminho no interior do país às tropas anglo-americanas, possibilitou-lhes a ocupação do país e assim anteciparem-se ao Exército Vermelho. O procedimento, que além disso não previa nenhuma capitulação incondicional, dava a possibilidade ao adversário de negociar vantagens que iam ao ponto de autorizar a retirada das tropas alemãs para o interior e livrá-las da destruição. Evidentemente, no caso de uma ocupação dos anglo-americanos das bases industriais, manter-se-iam intactas as forças armadas e o território necessários à continuação da guerra contra a União Soviética. A tolerância evidente dos nossos aliados legitima as belas esperanças no futuro dos fascistas».*<sup>23</sup>

A 21 de Abril, as missões militares britânica e americana informaram o Estado-Maior soviético de que proximamente «*será possível uma capitulação incondicional de poderosas forças adversárias em qualquer local*». Na informação afirma-se: «*Os chefes dos Aliados são da opinião de que cada grande potência, se assim o entender, deve ter a possibilidade de enviar representantes para participar em negociações sobre a capitulação, contudo não deve ser recusada nenhuma proposta de capitulação só porque um dos representantes não está presente.*»<sup>24</sup>

Para o Estado-Maior soviético era claro que os Aliados ocidentais aceitariam, em quaisquer condições, capitulações das tropas alemãs, mesmo quando elas se dirigissem contra a União Soviética. Chtemenko resumia: «*Apesar desta informação não dizer mais do que “pensem o que pensarem, nós aceitaremos as capitulações*

---

<sup>21</sup> Dönitz, *ibidem*, p. 454.

<sup>22</sup> Kuznetsov, *ibidem*, p. 202.

<sup>23</sup> Chtmenko, *ibidem*, p. 363.

<sup>24</sup> *Idem*, *ibidem*, p. 367.

*sob quaisquer condições, mesmo quando elas se dirigirem contra vós, nossos aliados, declarámo-nos de acordo.»* O Alto Comando fascista ordenou às suas tropas a Oeste, na noite de 21 de Abril: «*Retirar todas as tropas onde os americanos actuam e enviá-las para a frente Leste. Assim os resultados das negociações viram-se contra nós.*»<sup>25</sup>

Depois da concretização da capitulação parcial perante Montgomery, o general almirante von Friedeburg voou, enquanto representante de Dönitz, para Reims, Quartel-General de Eisenhower, que recusou uma capitulação parcial e exigiu uma capitulação incondicional em todas as frentes, ou seja, também perante a União Soviética. O coronel-general Jodl, que Dönitz enviara a Reims para apoiar von Friedeburg, também não conseguiu alterar nada.

A 7 de Maio, às 02.41 horas, foi assinada a capitulação incondicional em Reims. O chefe da delegação militar soviética junto ao Estado-Maior dos Aliados ocidentais, general Susloparov, encontrava-se numa situação difícil. Perguntou a Moscovo se devia assinar. A data foi marcada por Eisenhower, que não queria esperar mais. A resposta de Moscovo não chegou. Susloparov assinou.

Um telegrama de Moscovo com a instrução para não assinar nenhum documento chegou tarde de mais. Contudo, Susloparov tinha introduzido no Protocolo a seguinte cláusula: «*O presente documento sobre a capitulação militar não exclui a assinatura de uma Acta mais completa sobre a capitulação da Alemanha, caso um dos Aliados o deseje.*»<sup>26</sup>

Com isto, Susloparov deixou em aberto o espaço de manobra do governo soviético, que desejava uma tal «*Acta mais completa*» sobre a capitulação da Alemanha fascista. Todavia, Dönitz conseguiu assim ganhar dois dias para continuar a guerra contra a União Soviética (originalmente ele queria ainda entre oito a dez dias, depois pelo menos quatro dias até ao cessar-fogo), já que a ordem para o cessar-fogo só foi decidida a 9 de Maio, às 00.01 horas, hora de Moscovo.

O Estado-Maior soviético recebeu do chefe da missão militar americana, Deans, uma carta em que o presidente Truman incumbia Deans de obter o acordo de Stáline para tornar pública a capitulação da Alemanha.

Molotov recusou com o argumento de que o governo soviético ainda não tinha recebido nenhuma informação do seu representante junto ao Estado-Maior de Eisenhower (Susloparov) sobre a capitulação da Alemanha.

Truman, informado da recusa por Deans, respondeu que «*não darei nenhum conhecimento oficial sobre a capitulação antes de dia 8 de Maio às 9.00 horas de Washington ou 16.00 horas de Moscovo, a não ser que o marechal Stáline concorde com a sua antecipação*»<sup>27</sup>

A intenção de Truman era clara. Antonov disse: «*Os aliados querem pressionar-nos. A opinião pública mundial deve tomar conhecimento de que as tropas alemãs capitularam perante eles e não perante a União Soviética.*»<sup>28</sup>

Houve uma reunião no Krémelin com Stáline e os comissários do povo sobre a capitulação de Reims.

---

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p. 378 e seg.

<sup>27</sup> Idem, ibidem, p. 384.

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 384 e seg.



Stáline retirou «*as conclusões deste acontecimento. O acordo unilateral entre os Aliados e o governo de Dönitz foi um mau regateio. Para além do general Susloparov, não esteve presente mais nenhum representante da URSS. Tudo foi preparado para que não houvesse nenhuma capitulação perante o nosso país, apesar de termos sofrido mais sob o assalto fascista e termos dado a principal contribuição para a vitória, ao termos quebrado a espinha à besta fascista. Uma tal “capitulação” terá consequências nefastas*».

Stáline, textualmente: «*Não se pode nem anular, nem reconhecer o acordo de Reims. Enquanto acontecimento histórico extraordinário, a capitulação não deve acontecer em território dos vencedores, mas sim lá, de onde partiu a agressão fascista, em Berlim, e não perante um lado só, mas sim perante os estados-maiores de todos os países da coligação anti-hitleriana. Ela deve ser assinada por um dos responsáveis do antigo Estado fascista ou um grupo de fascistas responsáveis por todos os crimes contra a humanidade.*»<sup>29</sup>

Stáline e Molotov concordaram com os representantes dos aliados em considerar a assinatura de Reims como uma capitulação provisória. A assinatura acta da capitulação «*formal*» foi marcada para 8 de Maio em Berlim. Júkov foi autorizado a assinar a acta da capitulação incondicional, em representação do Comandante Supremo. Vichínski foi nomeado seu representante. Júkov foi nomeado comandante-em-chefe da zona de ocupação soviética.

O desenrolar da capitulação a 8 de Maio, às 24.00 horas, (9 de Maio às 02.00 horas, hora de Moscovo), na Escola dos Pioneiros em Berlim-Karlshorst é sobejamente conhecido e não é necessário repeti-lo aqui. Refira-se só um episódio à margem do acontecimento. Keitel e os outros membros da delegação alemã, von Friedburg e Stump, encontravam-se antes da assinatura numa sala separada. Keitel dirigiu-se aos seus acompanhantes: «*Quando atravessámos Berlim, constatei impressionado a destruição da cidade.*» Oficiais soviéticos que se encontravam na sala perguntaram-lhe: «*O senhor marechal de campo não se impressionou quando, por sua ordem, milhares de cidades e aldeias soviéticas foram completamente arrasadas, lugares onde, nas suas ruínas, milhões dos nossos compatriotas, entre eles milhares de crianças, encontraram a morte?*». Keitel não respondeu.

---

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*, p. 385.